

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Depoimento gravado no dia 14 de julho de 2017, por Caroline Cunha Rodrigues, na FETAEMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, com o senhor Rômulo...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Luiz Campos.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Luiz Campos.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Você perguntou sobre a minha trajetória. Eu nasci no Vale do Jequitinhonha, filho de camponês, minha mãe separou do meu pai eu era muito pequeno, e meu pai era camponês, minha mãe também, a família dela, meus avós, meus tios, todo mundo camponês. E minha mãe levou uma vida muito difícil, e eu acompanhando, como criança, vendo as dificuldades que tinha. Tanto com minha mãe, comigo e meu irmão, tanto com os outros tios meus na área rural.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Será que tem outro espaço? Porque vai...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não, não tem problema não. Pra mim não tem problema não. Mas se você quiser mudar para outro lugar, nós podemos ir para outro lugar.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Eu só estou preocupada em relação à gravação.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Tá, então vamos...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Vai coincidir a sua voz.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Vamos procurar então.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Se for possível.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Aí começa de novo.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Podemos continuar.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Tá. Então assim, eu vi muitas dificuldades na minha família. Eu passei tudo que se pode pensar, uma criança passa na extrema pobreza. E eu só consigo falar disso de uns anos para cá. É uma coisa, assim, que me deixava constrangido, quando eu ia falar me deixava constrangido, sabe? Então assim, eu passando minha adolescência na ditadura, vendo as lutas...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: O senhor nasceu quando, exatamente?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Eu nasci em 56.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Qual a data, por favor?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: 19 de maio de 1956. Mas eu vendo as lutas, né, as dificuldades de algumas pessoas, enfrentando a ditadura, isso tudo, né, eu como criança, isso tudo foi fazendo, assim, moldando a minha cabeça, sabe? Eu acho que as dificuldades que eu tinha vivendo aquela situação... e entrei pra, na época eu vim trabalhar em Belo Horizonte, fiquei morando em Contagem, e desde garoto eu participava dos movimentos eclesiais da igreja, e fui morando em Contagem. Eu participei, ajudei a fundar associações de morador, essas coisas. Aí veio a abertura, abertura política, movimento estudantil, aquela coisa, eu participando de algumas passeatas, e começou as greves, e eu participando das greves. Eu nem sabia direito porquê eu estava ali, sabe? Participando, aí veio a fundação dos novos...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Então quando novo, você deixou a sua cidade, no Cruzeiro.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim. Quando minha mãe saiu do Novo Cruzeiro eu tinha dois anos. Um pouquinho antes, eu tinha dois anos. Eu lembro da minha mãe, de vez em quando, eu lembro de uma imagem de nós, ela indo embora, (Trecho Incompreensível) da casa do meu pai, o meu pai era um homem muito violento, batia muito nela, então minha mãe tem muitas cicatrizes na cabeça, sabe, da violência do meu pai. E eu lembro dessa coisa das mulheres se organizarem, não é uma brincadeira não. É coisa muito séria. Precisa, sim.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E depois de Novo Cruzeiro você foi com sua mãe...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Nós fomos pra Ladainha, a cidade de Ladainha. Meus avós, lá minha mãe tem alguns parentes lá e minha mãe me deixou na casa de alguns parentes dela, e depois ela foi lá e me buscou. Mas depois nós mudamos para Teófilo Otoni. Eu tinha uns 9 anos quando nós mudamos para Teófilo Otoni. Quando eu vim aqui para Contagem eu tinha 18, e aí participamos dos movimentos populares, comecei a participar das reuniões que criaram o PT, eu participei. Eu não gostava de partido político, tô sendo sincero com você. Aquela coisa da ditadura me deixou, assim, com muito medo de político, né? Porque eu via os estudantes aqui na praça Afonso Arinos lutando por liberdade de expressão, e eu ia

passando na rua e via eles lutando, acabou que eu fiquei lá junto com eles, porque... participando também, e via, né, a violência, o estado...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Você diz aquele episódio na faculdade de direito da UFMG?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não, antes da coisa, do bicho pegar eu corri, né, eu e... mas eu estava lá.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Estava.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Estava. Sabe? Então assim, só que eu sempre tive uma cautela com essas coisas de... eu tinha medo, eu via tudo aquilo ali e eu tinha medo. Tive muito medo.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas então o senhor ajudou na mobilização pelo PT, no caso, né?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não, nesse caso aí não, ainda...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Não, depois.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Na época da criação do partido político eu fui, eu tomei a decisão de tanto uma pessoa ir na minha casa me chamar, eu tomei a decisão assim "Ah, eu vou lá ver, se eu achar que é uma coisa de trabalhador mesmo, eu fico", mas fui muito desconfiado, porque eu não acreditava em ninguém. O sofrimento na vida faz isso com a gente, viu? Quero te falar isso, é verdade. A gente desconfia de todo mundo, até da gente mesmo. Eu cheguei lá numa sala, tinha, não tinha cadeira, não tinha banco, não tinha mesa, não tinha nada, aí eles faziam coleta entre eles mesmos para ver se comprava uma cadeira, se comprava...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Então achei aquilo interessante, muito próximo do tamanho que era a gente, as pessoas discutindo, que tinham necessidade, então eu resolvi, participei da fundação do partido. E foi participando da fundação do partido foi que eu conheci a Fetaemg, sindicato de trabalhador eu não conhecia. E foi participando do movimento político que, no PT, que eu tomei conhecimento o quê que é um sindicato, o quê que é a reforma agrária,

que eu também não sabia o quê que era reforma agrária, sabe, que sindicato pode fazer acordo coletivo no trabalho. No dia que eu fiquei sabendo que sindicato pode fazer acordo coletivo do trabalho eu estava lá na minha terra, quando falou disso eu falei: “Gente, que negócio fantástico. Eu não sabia”, eu não sabia, sabe?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Isso você fala em Teófilo Otoni?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É, eu voltei pra Teófilo Otoni, eu estava em Contagem. Fiquei desempregado e voltei pra casa da minha mãe. Mas eu continuei participando da criação do PT, fazendo reuniões. Em várias cidades da região, lá, quem foi pra lá e fez a primeira reunião fui eu. Eu fui, peguei um dinheirinho que eu tinha, restinho de...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E o senhor conheceu, por exemplo, o Jerônimo Nunes, da CBT, o padre.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: O Padre. Conheci. O Jerônimo, Domingos, que morreu recentemente.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Joaquim de Poté.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim, meu amigo. Eu (trecho incompreensível) Joaquim.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ah, é? E como que foi?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Foi o seguinte. Aí eu tomei conhecimento dos sindicatos, né. Tomei conhecimento dos sindicatos e aí fiquei conhecendo Joaquim de Poté, fui organizar a convenção coletiva de trabalho... convenção do partido lá em Poté, que vários municípios pela região fui eu que fui organizar as convenções, que ninguém sabia nada, então... algum bobo tinha que fazer, e eu mesmo que fui pra lá. E aí eu ajudei o Silvío Rodrigues, lá de Teófilo Otoni, na campanha política dele. Eu não fui candidato. Daí eles tomaram conhecimento comigo também, sabe? E quando chegou a época da campanha política para deputado, eu e um rapaz que mora aqui, chama Salomão. O Salomão, num encontro regional do PT, defendemos o Joaquim de Poté como candidato a deputado, para ele (Trecho Incompreensível) algumas pessoas não gostaram, que é camponês, né. E o pessoal vendo, o pessoal, o Silvío e o Joaquim vendo essa coisa da minha ligação com o trabalhador rural, mas eu acho que é por causa...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Da sua trajetória.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Da minha trajetória, né. Pediram pra mim, eles estavam contratando gente aqui na Fetaemg, pediram pra eu fazer um teste aqui pra ver se dava certo. Aí eu vim pra cá.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Em qual ano, exatamente?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Isso foi em 83.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: 83.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Aí eu vim pra cá, participei de muitas lutas, ajudei a organizar muitas lutas, muitas greves, muitas manifestações, nem sei. Eu não sei contar quantas.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E o senhor começou a trabalhar aqui desempenhando qual função?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Olha, na época tinha um grupo de trabalhadores aqui que chamava "Orientador Educacional", que ficava nas regiões. Nós éramos um grupo muito grande. E eu trabalhava com essa função. Ia ser uma espécie, assim, de ativista, de militante, lá na base.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Trazer a formação política para os camponeses...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: ...trabalhadores rurais.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Isso. Só que fui contratado e fui para o sul de Minas. Aí os sindicatos no sul de Minas reuniram com a diretoria da Fetaemg e discutiram a meu respeito, porque eu estava organizando muita discussão sobre reforma agrária, e eles se sentiram intimidados. Mas eu já sabia que dentro de alguns sindicatos tinha gente da polícia.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ah, como que era isso? Como que o senhor sabia?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Olha, eu fiquei sabendo porque eu ia na casa de dirigentes sindicais, ia lá, porque naquela época a gente tinha que desconfiar de tudo, então teve uns que eu descobri que o filho dele era polícia civil, outro descobri que o genro dele era da polícia federal, o outro eu descobri que tinha sido militar, e tal.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Que estavam na diretoria dos sindicatos?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim, sim, de gente que estava na diretoria dos sindicatos. Mas eles viram, vou te falar assim uma coisa que é verdade o que eu vou te falar. Isso tudo que eu tô te falando aqui eu me responsabilizo, assim, do ponto de vista da verdade. Eu nunca tive muita vinculação com os comunistas. Nunca tive. Eu acho que, devido isso, eu acho que isso me fez, eu fui poupado mais de certas coisas por causa disso. E devido à minha cautela também, porque quando eu via que a situação estava complicando, eu me afastava um pouco pra...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Mas lá no sul de Minas, os diretores de sindicato pediram a diretoria para me transferir de lá, porque eu falava muito em reforma agrária.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Hm.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Com licença, (Trecho Incompreensível) atrapalha vocês?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim. Não, pegar água não atrapalha, não. Eles...